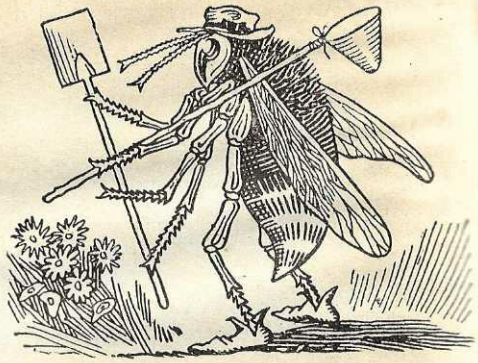
ANO XV NUM. 8

Rem-Te-Vi

Agosto de 1937

A Abelha Presumida



I

Um dia, mal humorada,
disse uma abelha : "Que vida
a minha, nesta colmeia !
Não vale nada !
Estar sempre a gente cheia
de mel, e ter de trazê-lo
todo à coletividade !
Depois, no lar, atropelo,
tanta limpeza e serviço
que não se tem liberdade !
E como paga, afinal,
casa e comida !
Mas vou dar um jeito nisso :
digo adeus ao meu pessoal,
faço só a minha vida".

II

E visto que era exquisita,
foi viver, qual eremita,
num deserto todo paz,
longe daquele *zum-zum*.
"Aquí, sim, a gente faz
o que passa pela telha,
sem ter compromisso algum",
disse aquela egoista abelha.

III

Mas com o tempo acabou-se
tudo que era bom e doce.
Foi-se o verão. Que gelados
eram os dias agora !
Além do mais, uns malvados
furtaram-lhe o mantimento.
Nossa abelha disse adeus
ao retiro e foi-se embora,
em profundo desalento,
para bem perto dos seus.
Lá passou pelo vexame
de dormir, longe do enxame,
em frio albergue noturno.

IV

Bem louca foi a quimera
dessa abelha presumida.
Bem triste castigo espera
quem faz duro o coração
e malogra a propria vida.
Dela só tiram proveito
os que aprendem o conceito
que a *força nasce da união*.

Bem-Te-Vi

MATRICULADO CONFORME O DECRETO 24.776 DE 14 DE JULHO DE 1934.

ANO XV — N.º 8 — REVISTA MENSAL

REDAÇÃO: AV. CONDESSA DE SÃO JOAQUIM, 155
OFICINAS: RUA DA LIBERDADE, 117

ASSINATURAS
ANUAL . . . . 10$000
AVULSO . . . . 1$000

Redatoras: NANCY R. HOLT, ADELINA DE CERQUEIRA LEITE
Desenhista: CELIA ROCHA BRAGA

São Paulo, Agosto de 1937

Gerente responsavel: SERVULO C. SANT'ANNA
Sub-Gerente: FERNANDO BUONADUCE

Um Cão de Juizo

Jaime passeava com indolencia sob as arvores do quintal, pensando aborrecido no que havia de fazer nêsse sabado tão vazio. Foi andando até o terraço da frente, e, dando um grande suspiro, sentou-se num degráu da escada.

Sua bola estava alí perto. Ele moveu-a descuidadamente com os pés e suspirou de novo. Seria divertido jogar *foot-ball*. Mas um menino não pode jogar sòzinho.

Ele, Edmundo, seu vizinho, e mais Moleque, o cãozinho marron de Edmundo, geralmente passavam horas muito alegres, jogando *foot-ball*. Mas naturalmente, desde que tinham brigado não podiam mais divertir-se assim, pois ambos disseram que não trocariam uma palavra para o resto da vida.

Nisso, Edmundo apareceu detrás de sua casa, com Moleque pulando ao seu lado. Atravessou o jardim e, na rua, passou pela casa de Jaime. Trazia as mãos nos bolsos e a cabeça erguida ; não olhava para os lados e vinha assobiando o mais alto que podia. Assobiava desafinado e às vezes só conseguia soprar o ar. Mas continuava firme, como se fosse o menino mais feliz do mundo. E fingiu não ver Jaime sentado na escada da frente.

Moleque, porém, viu-o. Foi correndo para Jaime e saltou perto dêle, cumprimentando-o com latidos de satisfação.

— Vá-se embora ! disse Jaime grosseiramente, afastando Moleque com o pé.

Moleque pensou que o menino estivesse brincando e com novo latido pulou sobre o pé de Jaime.

— Sáia daqui ! disse Jaime, zangado, empurrando rudemente o cão com o pé.

Moleque ganiu e olhou-o com ar de reprovação. Edmundo voltou-se, fez uma carranca feroz e disse:

— E' melhor você deixar o meu cachorro em paz, se não quisér comer poeira já !

— E' melhor você levar embóra esse cachorro, senão os dois têm de se haver comigo ! retrucou Jaime.

Porém Moleque resolveu a questão pulando atrás de Edmundo, que virou as costas e foi assobiando desafinadamente pela rua abaixo.

Jaime suspirou novamente ; levantou-se e foi para o barracão que havia no fundo do quintal. Era um barracão que êle e Edmundo tinham feito de

uma caixa de piano e de quantas tabuas velhas puderam achar. Dentro havia uma cama de vento, onde às vezes os dois meninos repousavam. Tinham feito prateleiras nas paredes, onde guardavam as diversas coleções de tesouros.

Jaime empurrou a porta e entrou ; então suspirou novamente. O barracão parecia vazio e tristonho, pois Edmundo tinha levado para a sua casa, depois da briga, as coisas que lhe pertenciam. Sobre a mesa feita de um caixote de madeira, havia duas broinhas de fubá, uma fatia de queijo e outra de goiabada ; era a parte de Jaime para a merenda que eles iam tomar juntos. Mas desde a briga, cedo pela manhã, Edmundo tinha recolhido todos os seus objetos, chamado Moleque e ido para sua casa, dizendo que estava de mal com Jaime para toda a vida.

Jaime nem mais se lembrava da causa da briga. Pouco importava ; o fato é que isso tinha acontecido e agora ele estava aborrecido da vida, sem um companheiro com quem brincar.

Ele suspirou, apanhou a vassoura e começou a varrer o chão. Depois arrumou o barracão, que ficou limpo de fazer gosto Quando acabou, não sabia em que mais se ocupar. Era exquisito como o tempo estava custando a passar nessa manhã. Geralmente, aos sabados, as horas voavam.

Jaime fechou a porta do barracão, atravessou o quintal atapetado de folhas sêcas e dirigiu-se para o jardim da frente. Pensou em chutar bola, mas não pôde encontrá-la. Sabia que a deixara ao pé da escada quando fôra para o barracão. Que fim teria levado ? Procurou por toda parte, mas em vão. Olhou por acaso para o jardim de Edmundo . . . e lá estava a sua bola !

— Sim senhor ! Que coragem ! êle exclamou, disparando para o jardim da casa vizinha.

Apanhando a bola, pô-la debaixo do braço. Nesse instante a porta da frente abriu-se e Edmundo saiu.

— Olá ! disse êle entre surpreso e satisfeito.

Evidentemente estava supondo que Jaime tivesse vindo para fazer as pazes.

— Que coragem a sua, de trazer a minha bola ! disse Jaime roucamente, trancando uma carranca.

— Trazer a sua bola, *eu* ? Não havia de tocar nela nem por um decreto ! explodiu Edmundo.

— O caso é que ela estava no seu jardim e que sem pernas não podia andar, retrucou Jaime, afastando-se.

Chegando ao seu jardim, ele deu alguns chutes na bola. Mas lá se foi ela para o meio da rua. Imediatamente Moleque abocou-a pelo cordão e foi correndo levá-la para Edmundo. Deixou-a cair aos pés do seu dono e latiu animadamente, esperando que o jogo continuasse como de costume.

Mas Edmundo não apanhou a bola. Fingiu não tê-la visto. Ficou sentado no degráu da escada, encolhido, com os cotovelos fincados nos joelhos e o queixo entre as mãos.

Moleque saltou e latiu; depois, apanhando a bola, correu com ela para Jaime. Este estava agora sentado tambem na escada de sua casa e não deu atenção a Moleque nem à bola.

Moleque estava francamente intrigado. Pulou e latiu mais algumas vezes. Então apanhou a bola novamente pelo cordel e correu com ela para Edmundo. Vendo isso, os dois meninos não resistiram e deram risada. Imediatamente, houve uma mudança neles. Já não estavam mais de mal. Era como se o sol tivesse, inesperadamente, surgido detrás de uma nuvem.

— Moleque acha que não tem pé nem cabeça a gente estragar assim um dia tão lindo, observou Edmundo a rir.

— E com toda a razão, replicou Jaime. Parece que êle tem mais juizo do que nós. Chute a bola para cá e vamos ver se posso chutá-la de volta antes de Moleque apanhá-la.

— Está bem. E sabe, a minha merenda hoje é daquelas . . .

— A minha tambem. Vamos dividí-las com Moleque, não é ? Ele é um cachorro de juizo.

— E' claro, concordou Edmundo. Nunca vi cachorro mais esperto que este !

A FESTA das NUVENS

— Que maçada ! Não sei o que fazer, dizia Daví, enquanto sua mãe entrava em casa.

— Brinque uma hora sòzinho aí, dissera-lhe ela, e não sáia do quintal.

Daví estava caceteado e sem ânimo. O dia era quente e abafado A princípio começou a dar pontapés nas pedrinhas soltas do terreno. Depois pensou como gostaria de ir brincar com o Juca, na casa vizinha.

Finalmente deitou-se de costas e pôs-se a olhar para o céu.

"Não se vê nada", pensou ele.

Mas isto apenas mostra que não sabia olhar para o céu, porque justamente nesse momento, bem em cima de sua cabeça, cinco nuvenzinhas saiam a brincar no seu lindo jardim azul.

D. Celeste Nuvem lhes dissera, tal e qual a mãe de Daví:

— Agora, crianças, divirtam-se um pouco aí sòzinhas e não sáiam do jardim. Vou fazer uns biscoitos estrelados.

E entrou em casa.

Aquele dia era muito importante para as nuvenzinhas. Maria Nuvem fazia anos, 6 anos. Porisso estavam todos, ela, suas irmãs e seu irmãozinho, com vestidinhos brancos, lindos e fofos. Eles sabiam que os biscoitos estrelados só ficariam prontos à noitinha e sentaram-se amolados, como Daví, sem saber o que fazer.

Enfim, quando são cinco crianças, é mais fácil achar-se um brinquedo divertido e logo se lembraram de brincar de roda, até que D. Celeste Nuvem as chamou para verem fazer sorvete.

O leite para o sorvete era tirado da Via-Láctea. Uma das vantagens de morar no céu era esta, de não ser preciso esperar a carrocinha do leiteiro, quando se queria fazer sorvete ou tomar café com leite.

— Agora, enquanto o sorvete gela, vão depressa aprontar-se para a festa. Mas — oh, que crianças ! — que fizeram vocês para sujar tanto seus vestidos brancos ? E' preciso trocá-los pelos vestidos do pôr do sol".

— Que bom, que bom ! exclamaram as nuvenzinhas, que gostavam dos seus vestidinhos do pôr do sol.

— Meu vestido côr de rosa é o mais bonito ! disse Helena.

— Não é ! gritou Margarida ; o meu amarelo é muito mais bonito !

— Hoje é dia de meus anos e porisso o meu, vermelho, é o mais bonito, disse Mariazinha.

— Zèzinho quer pôr as calcinhas côr de laranja, disse José, a nuvem mais pequenina de todas.

Mas antes que eles brigassem de verdade, D. Celeste Nuvem chamou-os para a sala, onde a mesa já estava arranjada, linda, com o bolo branco de aniversário, rodeado por seis velinhas côr de rosa. Quando Maria ia sentar-se no seu lugar, tocou o telefone.

Pobres nuvenzinhas ! Logo que D. Celeste voltou elas perceberam que tinha surgido alguma atrapalhação.

— Crianças, disse ela, tenho uma má noticia para vocês. Papai vai trazer o Snr. Temporal para jantar ; quer dizer que em vez de eu me ocupar só de vocês a tarde toda, preciso preparar um bom jantar, porque, como sabem, o Snr. Temporal é pessoa muito importante. Preciso agora que vocês

me ajudem. Primeiro, vamos fazer a mudança da festa para o jardim e deixar a sala livre. Ajudem-me depressa a tirar as coisas da mesa.

— Que pena ! disseram as nuvenzinhas.

Mas vendo que a mamãe estava falando sério, procuraram ajudá-la da melhor maneira. Abriram e encostaram a porta de tela e começaram a carregar todas aquelas coisas bonitas para o jardim. Mas começou a ventar com tanta força que a toalha de mesa e os guarda-napos não paravam nos lugares.

— Que mudança repentina! disse D. Celeste Nuvem. O tempo está ameaçador. Crianças, vocês precisam pôr as suas capas de borracha sobre os vestidos bonitos. Venham depressa, que o Snr. Tempora não deve tardar.

Desta vez as nuvenzinhas revoltaram-se. Pôr as capas feias, cinzentas, num dia de festa ! Todas juntas puseram-se a choramingar.

— Oh ! que horror !

— Está tão quente !

— Não vai chover, mamãe !

— Que raiva temos daquele velho !

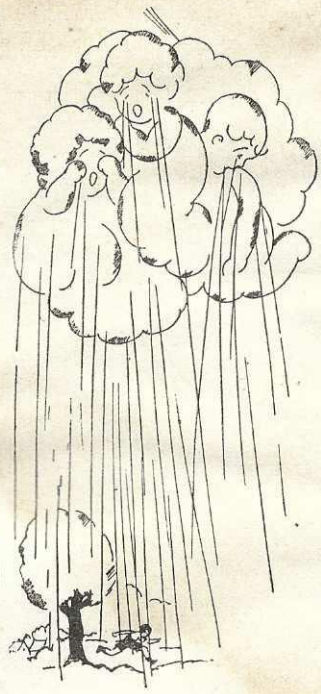
— Zèzinho não quer pôr capa em cima das calças bonitas !

D. Celeste precisou ficar brava. Foi para o armário onde as capas de borracha estavam enfileiradas nos cabides e trouxe todas.

Foi preciso enfia-las, embora isso custasse fungadelas e resmungações que foram feitas atrás de cinco lencinhos coloridos. Finalmente Mariazinha, que fazia anos nesse dia, escondeu o rosto nas mãcs e soluçou :

— Uma festa com capa de borracha ! Antes não ter nenhuma !

E a criançada desandou a chorar e lastimar como se os seus coraçõezinhos estivessem partidos. Zèzinho guinchava com sua vozinha trêmula ; Maria lamentava-se uma oitava abaixo ; Helena chorava com soluços agoniados e Margarida e Joaninha gritavam e resmungavam de raiva. Suas lágrimas corriam pelas detestáveis capas de borracha abaixo e algumas mais grossas chegaram até o jardim de Daví, lá em baixo na terra. Até fizeram a mãe de Daví chamá-lo para dentro.



D. Celeste Nuvem ficou sem saber o que fazer. Por pouco não começou a chorar tambem, porque ela sentia o cheiro dos biscoitos estrelados que se queimavam no forno e não tinha ainda começado o jantar, nem sossegado as crianças para esperarem o Snr. Temporal. Mas D. Celeste era dessas criaturas que têm sempre boas idéias — e era isso que fazia a vida na casa das Nuvens tão divertida e cheia de surpresas. De repente ela teve uma ótima idéia.

Correu para dentro e voltou com um rolo de papel dourado, brilhante, e algumas tesouras.

— Parem com essa manha ! ordenou. Lembrei-me de que tinha em casa este resto de papel, do Natal. Olhe aquí, Maria. Vamos deixar suas capas bonitas como os vestidos do pôr do sol.

E ela começou a cortar nos papeis uns lindos ziguezagues que Maria ia pregando com aqueles alfinetes dourados, especiais, que as crianças não têm licença de pegar todos os dias.

— Cada uma de vocês enfeite a sua capa, e a que ficar mais bonita ganhará um premio.

Dizendo isso, ela correu para dentro cuidar dos biscoitos estrelados e do jantar.

As nuvenzinhas a princípio divertiram-se muito com o novo brinquedo. Pregaram o papel e dansaram e saltaram, radiantes com os clarões que eles faziam. De sua janela, lá em baixo, Daví podia ver os relâmpagos brilhantes.

Mas logo Joaninha quís mudar de brinquedo.

— Vamos fazer uma parada, disse ela, e em procissão encontrar com o Snr. Temporal e dizer que ele veiu estragar a nossa festa!

— Vamos arranjar uma porção de caçarolas, latas e colheres, na cozinha, disse Joaninha, sempre cheia de idéias, e assim tocaremos uma musica para marcharmos.

— Vamos fazer uma barulhada daquelas ; quem sabe se assim o Snr. Temporal vai-se embora, disse Margarida.

Assim, enquanto D. Celeste arranjava a sala, elas correram à cozinha e carregaram tudo que puderam pegar. Então foram pela estrada, em procissão, com as suas capas enfeitadas, batendo nas panelas, nas latas, e gritando :

— *Abaixo o Snr. Temporal,*
um cacete sem igual !

Isso não era boa poesia nem tão pouco boa educação, mas na raiva que as nuvenzinhas estavam esqueceram-se de uma porção de coisas.

Da sua janela, lá em baixo, Daví não podia compreender o que significava todo aquele barulho, porque não sabia da festa. E quando um pedaço de ouropél voou da capa de Maria e caiu no fundo do seu quintal, ele levou um sustão.

— Vamos ! gritou Joaninha. Aí vem o carro de papai. Vamo-nos esconder atrás da cerca e assustá-los !

Quando o Snr. Nuvem passava com o seu hóspede de cerimônia, foi recebido por uma gritaria ensurdecedora. Felizmente o barulho das panelas e das colheres abafou a cantiga, mas abafou tambem as desculpas que o Snr. Nuvem oferecia ao Snr. Temporal.

O Snr. Nuvem ficou furioso, naturalmente. Ele estava cansado e tinha convidado o Snr. Temporal para jantar justamente porque queria mostrar-lhe seu lar agradavel, sua esposa e seus galantes filhinhos. E depois, o Snr. Temporal era seu chefe no escritório ! Imagine se ele ficasse zangado com as maluquices das crianças !

Qual não foi a sua surpresa quando viu o Snr. Temporal descer do carro e dirigir-se às crianças.

— Então! disse ele, pensei que vocês eram o Corpo de Bombeiros. Venham cá ! Eu vou ser o chefe e vocês serão bombeiros e nós vamos salvar esta fábrica do incêndio ! Esta árvore vai ser uma ótima fábrica. Onde está a mangueira de regar o jardim ? Isso, abram a torneira, crianças ! Venha, amigo Nuvem, chamou ele, venha entrar no brinquedo. Ha tanto tempo que não me divirto com uma criançada !

Foi uma pândega aquele incêndio. Eles tiraram a mangueira e a escada da garage; o papai segurou a escada na janela da fábrica, que era um dos galhos da árvore, enquanto o Snr. Temporal e Joaninha trepavam para salvar o guarda noturno, que era Maria, por ser o dia de seus anos.

Por esse tempo o jantar ficou pronto. A maior parte do papel dourado tinha caido das capas das crianças e o resto estava completamente encharcado.

Apagar incêndio é um trabalho que ensopa mesmo. Afinal de contas as nuvenzinhas concordaram que se não estivessem com suas capas de borracha não poderiam ter brincado de bombeiro. Aquele foi o melhor dia de anos que as nuvenzinhas tiveram, e tudo porque o Snr. Temporal tinha sido convidado para jantar.

Enquanto isso, lá em baixo, Daví tinha visto o brilho do papel dourado que caía, tinha ouvido estrondos, estalidos, uma barulhada. Sua mãe disse que aquilo era um temporal e tanto, mas que ia fazer muito bem para as plantações.

Mas no dia seguinte, quando ele correu no quintal para ver aquelas coisas brilhantes que cairam do céu, não as pôde encontrar em parte alguma.

O PAPAGAIO AZUL

Em frente à casa de Lavinia e Aurelio mudara-se um menino japonês. Ele tinha um papagaio pequeno, azul, com o qual brincava todos os dias.

— E' tão pequeno, mas vôa como um passarinho, disse Aurelio, olhando o papagaio, do seu jardim.

— Os japonêses gostam de papagaios, explicou Lavinia, lembrando-se do que lhe contara D. Cordelia, a professora na Escola Dominical. E sabem empiná-los muito alto.

Logo Tôgo, o japonêzinho, fez camaradagem com os meninos e mostrou-lhes as figuras amarelas que estavam pintadas no papagaio azul.

— Foi feito no Japão, Tôgo explicou.

— Que bonito! exclamou Lavinia.

— Tão pequeno e vôa tão alto! acrescentou Aurelio.

Tôgo correu pelo quintal para mostrar como sabia empinar bem o seu papagaio. Depois deixou os dois amiguinhos experimentarem o mesmo.

No domingo, as crianças convidaram Tôgo a ir com elas para a Escola Dominical. Depois da lição, D. Cordelia falou sobre umas crianças que não tinham brinquedos.

— Será que vocês querem repartir seus brinquedos com essas crianças? perguntou D. Cordelia.

No mesmo instante Lavinia lembrou-se de Jurací, a boneca que tinha um braço e uma perna mascados pelo Zazú, o cachorro da casa. A carinha dela, tambem, já estava desbotada.

— Eu posso trazer uma boneca, D. Cordelia, ofereceu Lavinia, pensando que já não brincava mais com a Jurací.

Olimpia, a menina ao lado de Lavinia, ofereceu um livro de gravuras sem capa.

"Já não gosto mais dêle", pensou Olimpia. "Serve para as crianças que não têm brinquedos".

— Eu vou trazer uma bola, disse Aurelio.

Era uma bola velha que não pulava mais.

Tôgo ouvia tudo. Quando acabou a aula, êle disse para D. Cordelia:

— Eu vou trazer um papagaiozinho azul.

— O que? exclamou Lavinia, admirada ao ouvir isso.

De volta para casa ela perguntou a Tôgo:

— Porque você vai dar o seu papagaio azul, tão bonito? Você brinca tanto com ele! Pensei que gostasse daquele papagaio.

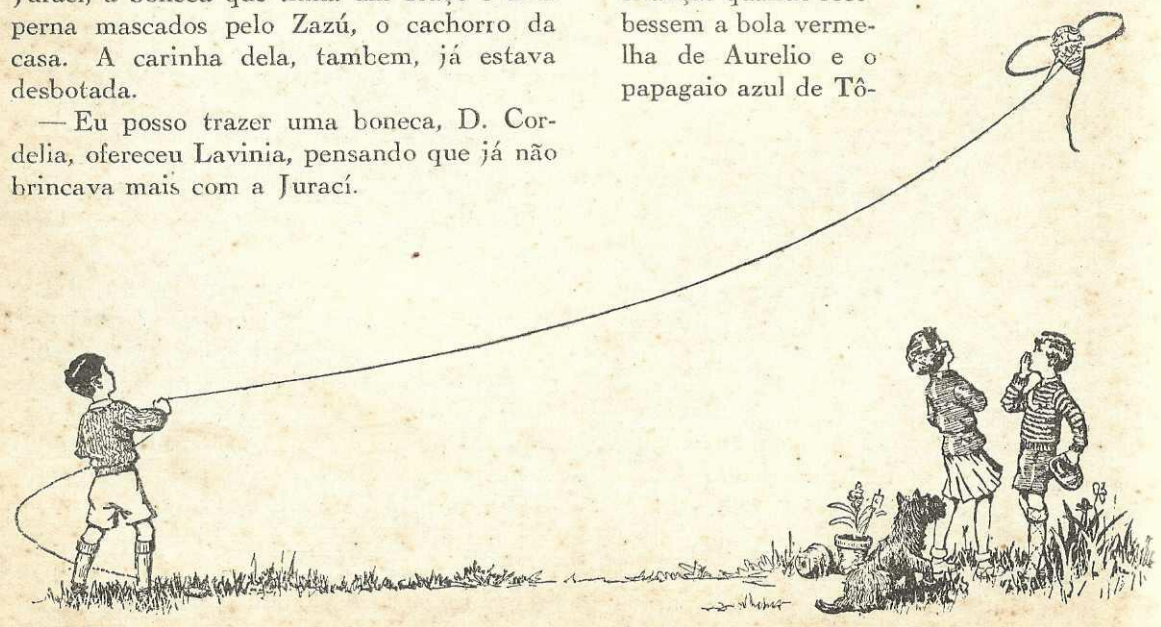
— Gosto mesmo, afirmou Tôgo com seriedade, e é por isso que vou dá-lo. No Japão as crianças dão de presente as coisas de que gostam muito.

— As crianças que não têm brinquedos vão ficar encantadas com o seu papagaio azul, declarou Aurelio.

Então êle pensou na bola que não pulava mais. Depois de Tôgo ir-se embora, Aurelio disse para Lavinia que achava melhor dar uma de suas bolas novas em vez daquela que não prestava.

— Vou dar a vermelha, resolveu Aurelio.

Lavinia não disse nada. Mas ficou pensando na alegria das crianças quando recebessem a bola vermelha de Aurelio e o papagaio azul de Tô-



go. Mais tarde Lavinia disse que tinha mudado de idéia. Não ia mais levar a Jurací para D. Cordelia.

No domingo seguinte, Olinda passou pela casa dos meninos e ficou admirada ao ver Lavinia enrolando um dos bebés gemeos, novinho.

— Eu pensei que você ia levar Jurací, disse ela.

— Mudei de idéia, respondeu Lavinia.

Então a menina contou para Olinda o que Tôgo tinha dito. Pensando na alegria da menina que recebesse aquele bebêzinho lindo, Olinda lembrou-se do livro velho que trazia.

— Vocês me esperam um pouco? ela perguntou. Vou correndo em casa buscar outro livro.

De volta, Olinda carregava um livro de gravuras com capa.

O livro, o bebé e a bola azul foram postos sobre a mesinha da classe dominical dos meninos. Ao lado estava o papagaio azul e varios brinquedos que outros alunos trouxeram. Quando D. Cordelia disse que tinha certeza de que aqueles brinquedos iam deixar umas crianças encantadas, Lavinia, Aurelio e Olinda escutaram com os olhos brilhando. E' que, como os japonêzinhos, êles tinham descoberto que é mais divertido fazer presente de alguma coisa que nos é cara.

COOPERANDO COM O MEDICO

Não é lastimavel que o médico, na verdade um dos melhores amigos de uma casa, seja frequentemente temido pelas crianças? A razão, naturalmente, é que a chegada do médico comumente significa remédio desagradavel ou alguma dor e desconfiança. O único meio de afastar essas experiências desagradáveis é dar ênfase às agradáveis : a bondade do médico em vir, a despeito de estar cansado, ocupado ou com fome; o fato que o que ele faz, inclusive prescrições de remédios desagradáveis, ajuda a curar, e a satisfação de ser bastante corajoso para fazer coisas difíceis. Quando uma criança pode ter contato alegre com um médico amigo, em saúde, isso será de grande auxílio em caso de enfermidade, tanto para a criança doente como para a familia.

HOSPEDAGEM

Poucas pessoas têm adquirido a fina arte de hospedar amigos de uma forma cristã. Algumas são tão egoistas que não dispensam aquelas pequeninas atenções que fazem um hóspede sentir-se bem recebido. Outros prodigalizam tantas gentilezas e cuidados que o hóspede se sente constrangido pelo trabalho que está dando. A regra de Jesus para a simpatia foi bem simples : "... tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o assim tambem vós a eles,..." A habilidade de alguem se colocar no lugar de outrem e então pensar no seu próprio conforto é verdadeiramente essencial para quem quer ser mestre na fina arte de hospedar.

QUE VEEM AS CRIANÇAS?

A vida é em grande parte uma questão de pontos de vista. Para um homem, um milharal fá-lo pensar no cuidado permanente de Deus e sua promessa de que *enquanto durar a terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite.* Para outro homem um milharal representa unicamente uma soma de dinheiro ou certos algarismos acrescidos ao seu crédito no banco. Semanas a fio a terra foi inundada do esplendor do verão. Em breve chegará o inverno com as belas colheitas. Verão as crianças unicamente as transformações físicas ou sentirão nisso a presença e amizade de Deus — amizade no gozar das belezas e dádivas materiais que Ele nos provê, e amizade na melhor compreensão de Seus cuidados para com o mundo? O que as crianças vêem provavelmente será determinado pela visão de seus páis — verão ou inverno unicamente, ou Deus agindo.

O Primeiro Passo

Havia, certa vez, uma linda fazenda no interior de um estado do Brasil. Era muito grande, com serras, florestas, um rio e um lago. Moravam lá umas crianças muito felizes, que iam sempre remar no lago e brincar à beira do rio.

Em uma das serras havia um precipicio. Os páis das crianças mui sabiamente as tinham advertido acerca de certos perigos, e marcado os lugares em que êlas podiam brincar em segurança. Eles chamaram tambem a sua atenção para a cerquinha que fôra erguida em volta do precipicio.

— Ouçam, crianças, dissera o pai ; não esqueçam que vocês têm uma grande margem de rio em que podem brincar à vontade. Por isso não precisam ir aos lugares perigosos.

— Isso mesmo, concordara a mamãe ; não se esqueçam disso e lembrem-se tambem de nunca passar para lá da cerca, no alto da serra.

Vocês não acham mesmo que esses meninos tinham larguezas e distrações que davam para satisfazer qualquer criança ?

Um dia o pai contou-lhes que iam receber a visita de um primo ao qual deviam fazer tudo para alegrar e distrair. André, o primo, era muito elegante e tinha acentuadamente o ar e as maneiras de um menino da cidade. As crianças ficaram até um pouco intimidadas com aquele menino, que lhes parecia tão mais velho e experimentado.

Um dia Cléo, o filho do fazendeiro, ficou escandalizado quando, passeando os dois fóra de casa, André acendeu um cigarro.

— André, êle falou, papai diz que a nicotina do fumo é um veneno forte e que, se a gente quiser ser um homem forte, não deve fumar.

— Ora, replicou André, qualquer garoto, que se preza de ser homem, fuma, hoje em dia. Você deve usar saias se não fuma, não bebe nem joga.

E André continuou a falar desse modo até que Cléo começou a pensar que êle era mesmo um "mariquinhas" e afinal concluiu que desses tres males o fumo era o menor. Porisso êle ia fumar um cigarro e ficar um homem.

Houve na vizinhança uma festa onde foi servido vinho do porto e outras bebidas alcoólicas. André, enchendo de vinho seu copo, tomou-o até o ultimo gole.

— André, disse Tilde, a irmã de Cléo, mamãe diz que bebidas alcoolicas prejudicam a qualquer pessoa, porque o alcool é um veneno.

— Não diga ! chasqueou André ; que tolice chapada a de sua mãe ! Na sociedade toda pessoa bebe e serve bebidas. Você será tão excentrica em discordar do resto do mundo que ninguem a convidará para nada. Um pouco de vinho ou cerveja não faz mal a ninguem, tolinha que você é !

Tilde não poude deixar de notar que o primo, depois de ter bebido, ria e falava demais, mas a sua prosa fluente impressionou-a favoravelmente, pelo que ela resolveu aceitar e provar o vinho na proxima vez que lhe oferecessem. André insistiu no bom gosto do vinho e em que um traguinho não lhe faria mal algum.

Um dia as crianças estavam brincando no lugar permitido pelo pai, à margem do rio, quando André disse :

— Vocês não passam de uns nenés ! Brincam na margem rasa quando podem nadar muito melhor ali onde a agua dá pela cintura, sem nenhum perigo de afogar.

E tornando em realidade essas palavras, foi mais para o fundo, espadanando agua em redor, e finalmente voltou são e salvo.

Dia após dia êle se aventurava mais. Tilde e Cléo pensaram que tinha sido tolice de seus páis proibir que êles fossem para os lugares mais fundos. O mesmo sucedeu com o precipicio. André pulou a cerca e apanhou flores

do outro lado, a alguns metros apenas do precipicio, e contou aos primos que a vista dali era magnifica.

Assim aquele pessoalzinho ia-se arriscando cada vez mais. Um dia Cléo, que era nadador perfeito, estimulado pelo primo, distanciou-se bastante do lugar delimitado pelo pai. De repente, caiu na corredeira e percebeu que não poderia voltar. Atemorizado, perdeu completamente a calma e gritou por socorro. Estava sendo rapidamente levado rio abaixo, e como não tinha mais controle sobre si mesmo, afogar-se-ia pela certa. Todas as suas imprudencias e desobediencias passaram-lhe num relance pela cabeça e êle reconheceu ter sido mais que louco por ter dado ouvidos ao presumido primo. Tudo isso atravessou em um minuto seu pensamento, e Cléo deu-se por perdido quando se sentiu levado para lugares da fazenda quasi sempre desertos. Seria impossivel qualquer pessoa chegar a tempo de salvá-lo. Mas quando já ia perdendo os sentidos, o pé tocou numa raiz no fundo do rio. Arrastou-se pela ribanceira, sobre a qual se atirou, exhausto. De lá foi levado pela familia que, em desespero, seguira o curso do rio esperando apenas encontrar seu corpo.

André foi de repente chamado para casa e em tres dias deixou a fazenda. O pai das crianças, com a suspeita fundada da parte que André tinha tomado na desobediencia das crianças, mandara-o de volta para junto de seus proprios páis.

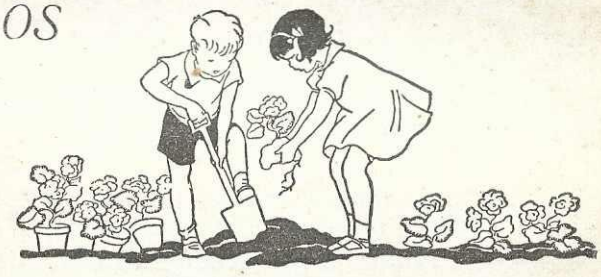
Algum tempo depois, a familia estava um dia reunida na varanda quando o pai disse :

— Desabou um pedaço grande do precipicio, ôntem, arrastando pela corredeira seis metros de margem. Se vocês, meus filhos, estivessem brincando ali, contra as minhas ordens, teriam morrido instantaneamente.

As crianças, horrorizadas diante do que tinham escapado, contaram-lhe todas as suas desobediencias. Cléo confessou sua tentação de fumar, e Tilde a sua, de provar vinho. O pai então disse :

— Vocês deram o primeiro passo errado ouvindo o primo ; não se póde dar ouvidos à tentação. Em segundo lugar, erraram dando o primeiro passo no lugar que eu lhes havia proibido. Se você, Cléo, não tivesse ouvido André, não teria sido carregado pelo rio, nem fumado o primeiro cigarro. E Tilde não teria provado vinho. Vocês descobriram a tempo o perigo, e graças a Deus estão livres dos resultados de seus desatinos ; mas muitos homens e mulheres arruinaram-se por terem ouvido máus conselhos, dando o primeiro passo errado, e depois se encontraram na corredeira dos máus habitos, que os levou à morte fisica e moral. Cautela ! o primeiro passo é sempre decisivo.

OS DOIS JARDINEIROS



Dois jardineiros vizinhos semearam as suas ervilhas-de-cheiro na mesma ocasião. E eis que, mal as plantinhas começaram a surgir da terra, veiu um nevão que as queimou.

Um dia os dois jardineiros conversaram por cima do muro sôbre assuntos da arte. A certa altura, disse um :

— Que pouca sorte tivemos êste ano com as ervilhas-de-cheiro ! Tenho andado tão consumido desde então !

O outro não respondeu, e desviou o olhar para certo ponto do quintal. O primeiro, seguindo êsse olhar, vê um rico talhão de prometedoras ervilhas.

— Que vem a ser aquilo ?

— *Aquilo* são as ervilhas que semeei logo após o nevão. Enquanto o amigo se consumia a pensar no perdido, eu trabalhava; e aqui está o resultado. Provavelmente vou ter ainda melhor colheita do que se a primeira sementeira tivesse vingado.

— Não há duvida ! Elas prometem ! E então o amigo nunca fica arreliado quando tem um prejuizo ?

— Ah ! isso fico ; mas deixo sempre a arrelia para depois de ter reparado o prejuízo ; e quando tenho vagar para me lamentar, já não tenho motivo.

Que bom seria se todos seguissemos o exemplo dêste jardineiro, e procurassemos corrigir os nosos defeitos e remediar as nossas perdas, em vez de nos consumirmos em lamentações estéreis.

Cecí Linguaruda

Era uma vez uma menina chamada Cecí. Quando voltava da escola, ela ia brincar fóra. Um dia, mal deu uns passos no jardim, viu seu irmãozinho que rabiscava com giz o passeio cimentado na frente da casa.

— Pare com isso, senão eu vou falar de você para a mamãe! ela disse. Vou contar já, já.

E ela foi contar aquilo para a mãe. Depois voltou ao jardim. Mal tinha dado outros passos, quando viu sua irmãzinha pulando os degráus da escada da frente.

— Pare com isso, disse Cecí, senão vou falar de você para a mamãe! Vou já, já, contar tudo.

E ela correu para casa e contou para a mãe. Quando voltou ao jardim, viu logo o menino vizinho andando no pau da cerca.

— Pare com isso, Cecí disse, senão eu vou já contar para mamãe. Eu vou falar de você!

E ela foi contar para a mamãe. Voltando ao jardim, viu a irmãzinha do vizinho colhendo flores do canteiro de sua irmã grande.

— Não faça isso! gritou logo Cecí. Agora eu vou contar para sua mãe o que você fez.

E Cecí foi e contou para a mãe da menina que ela estava colhendo flores do canteiro de sua irmã.

Mas isto é verdade mesmo: quando a Cecí voltou para brincar, depois de falar tudo aquilo das outras crianças, teve de brincar sòzinha. E sabe o que ela fez? Primeiro, rabiscou o passeio da rua com giz. Depois pulou os degráus da escada da frente, o que a mamãe tinha proïbido. Depois andou no pau da cerca e depois — imagine! — até colheu umas flores do canteiro de sua irmã grande. Não havia ninguem para falar dela — ninguem! Quem é que ia ser uma linguaruda? Mas nisso um Upa-Lálá passou pela casa de Cecí e disse para ela:

— Você é a Cecí Linguaruda, não é? Venha comigo.

Era um Upa-Lálá grande mesmo. Cecí teve de obedecer. Ela foi andando na frente dele, subindo a rua. Afinal chegou onde êle morava. Então o Upa-Lálá pegou num selo grande, vermelho, e selou os labios de Cecí, bem forte.

— Você nunca mais vai dar na lingua, Cecí Linguaruda! êle falou. Agora pode voltar para sua casa.

Então Cecí voltou para casa. Quando sua mãe viu aquele selão vermelho que o Upa-Lálá tinha colado nos labios de Cecí, ela disse:

— Que Upa-Lálá tão esperto! Como é que eu não me lembrei de fazer isto antes?

Agora, você pensa que aquele selo grande nunca caiu dali? Caiu, sim. Caiu por si mesmo, quando Cecí aprendeu a não dar na lingua àtôa. Só assim é que êle caiu.

Esta historia não é de verdade. Você mesmo pode ver isso, porque ninguem no mundo, só mesmo a Cecí viu um Upa-Lálá. Mas se não é verdadeira, devia ser, porque alguem devia colar um selo bem forte sobre os labios das pessoas que falam como aquela Cecí Linguaruda falava.

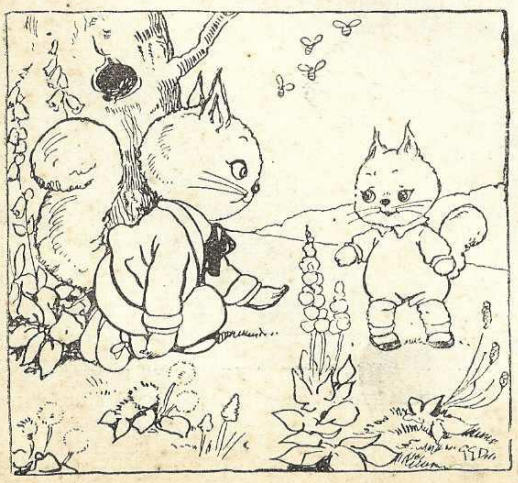
Os Tres Esquilinhos

I

Moram os tres Esquilinhos
No alto de uma nogueira.
Para tratar dos filhinhos,
Fazer as compras na feira,
Limpar a casa que tem,
Trabalha como ninguem
A mamãe, que é muito ordeira.

II

O pái precisa ajuntar
Nozes, amêndoas e grãos :
E' brinquedo sustentar
Tres filhos gordinhos, sãos ?
E só anda a Caçulinha
Quando o papai faz festinha,
Alegre, batendo as mãos.



III

Mestre Esquilo educa bem
O Garoto, o Cauda-Grossa,
Os dois rapazes que tem,
Pois jamais quer que esta troça
Faça um vizinho brajeiro,
Zombando de um seu herdeiro:
"Parece esquilo da roça" !

IV

Para evitar essa afronta
Aos brios seus, o papai,
Com todo o povo *na ponta*,
Pela manhã sempre sái.
Exercita os seus pequenos
A subir à casa, ao menos.
Vamos ver se nenhum cái.

O que a lente mostrou

Era uma tarde quente. Alarico acordára de uma soneca depois do almoço. Espreguiçou-se e bocejou.

— U-u-um ! Não sei que hei de fazer esta tarde, disse.

Sentou-se nos pés do divan, encostando os cotovelos numa mêsinha, ao lado da janela. Tomando o lapis e a pedra, começou a fazer uns desenhos. Mas logo parou.

"Não estou com vontade de desenhar agora. Faz muito calor", pensou Alarico.

Era bastante grande o silencio. Não se ouvia som nenhum, a não ser o zumbir dos insetos lá fóra, e a mamãe cantarolando no alpendre.

Uma grande lente de aumento estava sobre a mêsa. Alarico começou a olhar por ela. Como tudo ficava maior ! Sua blusa e a toalhinha da mesa pareciam feitas de barbante. As palmas das mãos pareciam mapas, com montes, vales e rios. Nunca êle tinha reparado nas linhas das mãos. Como eram interessantes ! Corriam e davam voltas e se cruzavam como trilhos.

De repente alguma coisa bateu de encontro ao vidro da janela. Alarico ergueu os olhos. Lá estava uma abelha gorda trepando pela vidraça. Ele olhou-a através da lente e sorriu de surpresa. Como eram grandes os olhos da abelha ! Que casaquinho felpudo ela vestia ! Em cada perna traseira carregava um saquinho de pólen amarelo. Ela havia pousado de flor em flor e porisso o casaquinho felpudo tinha-se enchido de pólen. Então a abelha com os pés de trás tinha escovado o casaquinho e guardado o pólen dentro dos saquinhos nas pernas. Ela devia ter pousado ali para descansar do trabalho, porque os saquinhos estavam repletos. Nesse momento D. Abelha moveu as asas e voou para longe.

Alarico teve uma idéia. Pulou do divan e correu para perto da mãe, que estava costurando no alpendre.

— Mamãe, posso levar um pouco a lente lá fóra ?

— Pode, meu filho, mas não se esqueça de trazê-la.

— Sim, mamãe, disse Alarico, que foi pulando até a casa de Donato.

Donato estava sentado na rede do alpendre.

— Olhe aqui, Donato, disse Alarico. Venha ver uma coisa interessante.

Não havia arvores na casa de Donato, mas a casa de Alarico era cercada de pomar e jardim. Os dois começaram a procurar coisas para vêr.

— Olhe aqui ! exclamou Alarico.

Era um montinho de terra com centenas de criaturinhas entrando e saindo por êle.

— E' um formigueiro, disse Donato, sentando-se alí ao lado.

Alarico segurou a lente sobre o monte de modo que Donato tambem pudesse olhar por ela. Como era interessante ! Eles podiam ver o que as formigas estavam fazendo. Algumas arrastavam pedaços de hastes maiores que elas mesmas. Outras cuidadosamente transportavam pequenos fardos brancos que eram os ovos das formigas, que não podiam andar porque ainda não tinham pernas. Uma

fila de formigas agitava-se de lá para cá de uma arvore proxima. Algumas carregavam pedaços de folhas.

— Olhe ! disse rindo Alarico, quando duas formigas se encontram, uma vira-se para tocar na outra. Até parece que param para se beijar. Pode ser que é dêsse modo que elas conversam.

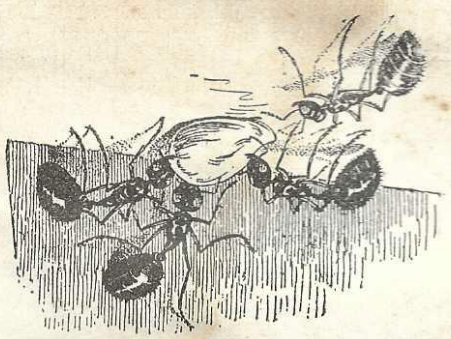
— Que apressadas ! Têm mais trabalho de que a gente, acrescentou Donato.

Por todo o pomar e jardim êles encontraram coisas interessantes para estudar — besouros pretos com o par de mandíbulas na boca ; uma lagarta arrastando-se sobre uma folha ; borboletas sugando o mel das flores.

A grama parecia uma florestazinha fresca, cheia de criaturinhas diferentes que trepavam aqui e alí. Eles podiam ver grãozinhos de pólen nos corações das flores e o delicado desenho das nervuras nas folhas e pétalas.

— Talvez as flores pareçam às abelhas castelos coloridos quando nelas entram, segredou Alarico, vendo uma abelha introduzir-se numa flor.

De galho em galho, de flor em flor, Alarico e Donato iam procurando insétos e plantas para observar através da lente de aumento.



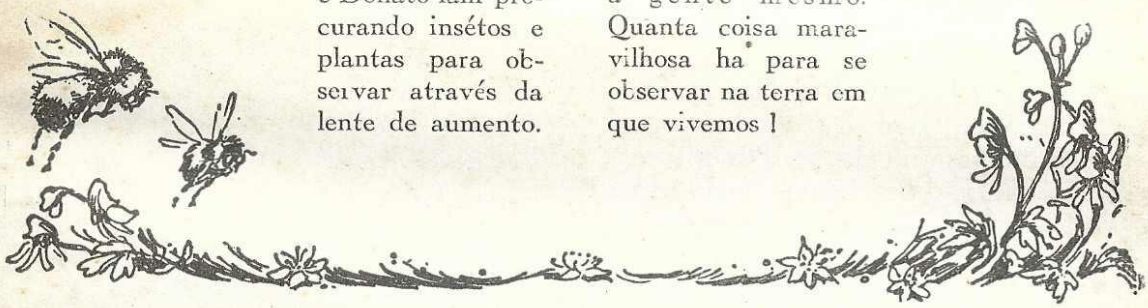
Então a mãe de Donato chamou-o para casa afim de se aprontar para o jantar.

— Ora, esta tarde passou tão depressa ! exclamou Alarico.

— E' porque estivemos muito entretidos com tantos bichinhos, disse Donato. Eu gostaria de aprender mais coisas sobre eles.

— Eu tambem, respondeu Alarico. Vamos continuar amanhã.

Encaminhando-se para casa, Alarico ia pensando como esses bichinhos têm o seu mundo e o seu proprio trabalho a fazer, tal e qual a gente mesmo. Quanta coisa maravilhosa ha para se observar na terra em que vivemos !



Dai aos pobres...

Oh ! dai aos pobres, que a caridade,
Filha bendita do Criador,
Tem por missão, à terra baixando,
Secar o pranto, extinguir a dor...

Fazei o bem pelo próprio bem,
Que a recompensa Deus vos dará...
Fazendo o bem, não é que recebe
O que mais lucra, mais é quem dá.

Fazei o bem pelo próprio bem
E não busqueis saber a quem dais ;
Que a caridade a ninguem distingue,
Só tem ouvidos para ouvir ais !

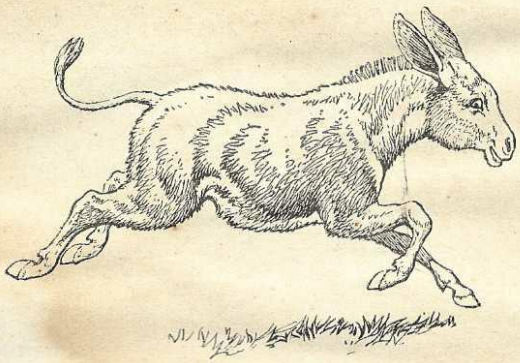
Mas ocultai a mão benfazeja
Quando a esmola nela brilhar ;
Que a mão que dá sem ostentação
Consola, ampara sem humilhar.

Pois cada esmola que cai, oculta,
Na mão do pobre ao sofrer afeito,
E' uma prece que Deus recebe
E com carinho guarda no peito.

Oh ! dai aos pobres ! oh ! dai aos pobres,
Mas dai com alma, com coração,
Vós que ignorais o que seja ainda
Dormir sem ceia, acordar sem pão...

Eduino Nunes.

T U R R Ã O



Edmundo estava orgulhoso de seu burrico Turrão, e do trolinho reluzente que o pai lhe dera no aniversario. Era pena que o assento só chegasse para Rúi e ele.

— Algum dia você vai ver que Alice e eu emprestamos o Turrão e sumimos, disse Amelia, rindo.

Edmundo tinha levado Amelia passear algumas vezes, mas Alice não queria ir, a menos que Amelia fosse junto. Tres num assento só! Isso era contra as leis do tráfico, na opinião de Edmundo.

— Talvez algum dia eu lhe ensine a guiar o Turrão, e depois vocês duas poderão ir sòzinhas, prometeu Edmundo.

Mas Amelia apenas agitou os cachos escuros. Estava pensando que podia dirigir Turrão tão bem quanto Edmundo; mas não disse nada. Ficou olhando os meninos que iam rua acima e o Turrão, fazendo retinir alegremente o sininho no tapa.

Edmundo tinha prometido ir buscar as mercadorias no empório para a mamãe, que tinha pressa delas, porque ia receber visitas. Quando já estavam muito longe para ouvir, a mamãe chamou:

— Edmundo traga tambem um quilo de queijo!

— Eu vou buscar, mamãe, ofereceu Amelia.

Ela podia levar Alice, que morava no caminho para o empório.

— Vamos pelo atalho, sugeriu Amelia a Alice, que estava satisfeita em ir junto. Se chegarmos lá antes de eles sairem, talvez nos deixem voltar no trolinho.

— Mas ha só um assento, observou Alice.

— Podemos ficar de pé. Será divertido, replicou Amelia.

Mas quando chegaram ao empório, de Edmundo, Rúi, trole e Turrão não havia nem sinal. Amelia e Alice olharam para cima e para baixo da rua. Perguntaram ao caixeiro, mas ele disse que os meninos não tinham estado lá.

— Espere aqui que eu vou procurá-los, disse Amelia a Alice.

Amelia estacou na primeira esquina. No cruzamento da rua o tráfico estava paralizado.

"Talvez estejam esperando pelo sinal da luz verde", pensou Amelia.

A luz era vermelha quando ela olhou pela primeira vez. Mas qual — acendeu-se a luz verde e ninguem se mexeu.

Depois Amelia avistou um ajuntamento de povo ao redor de alguma coisa no meio da rua. Até o bonde estava parado. Ela chegou mais perto para ver melhor. Lá estava o trolinho e Turrão com as quatro patas fincadas entre os trilhos, como se fossem quatro postes irremoviveis.

Edmundo estava em pé no trolinho, fustigando Turrão com as rédeas, enquanto que Rúi, em baixo, puxava o burrico pelo tapa. O povo estava rindo e Amelia viu um guarda-civil alto aproximar-se. O que ela poderia fazer? Era urgente tomar uma decisão, pen-

sou Amelia. Não adiantaria nada meter-se entre o povo. Já havia lá gente de sobra.

Era justamente aquilo que estava atrapalhando o Turrão. Ele não estava acostumado com o movimento, com o barulho e com os sinais luminosos das esquinas, refletiu Amelia. Porque Edmundo não evitou aquela rua principal? E agora — mas de que gostam os burricos? De cenouras!

Então Amelia voltou correndo para o empório. Lá apanhou um molho de cenouras de uma cesta.

— Eu já volto! ela gritou para o caixeiro surpreso.

E lá se foi Amelia correndo aonde estava o Turrão. Tomando o tapa das mãos de Rúi, ela segurou as cenouras em frente do Turrão empacador, o qual prontamente comeu um bocado, ao passo que Amelia puxava pelo tapa. Continuando a segurar as cenouras em frente do burrico, ela o obrigava a ir sempre para a frente, para apanhar cenouras. Num instante viraram a esquina, desimpedindo o trânsito.

Ao chegarem ao empório, Edmundo desceu de seu lugar.

— Vamos buscar as mercadorias e vocês duas podem voltar guiando, disse ele às duas meninas.

Depois, dando uma risada, falou ao Rúi:

— As meninas *sabem* lidar com o Turrão!

A Bola Milagrosa

Ada era o tipo da menina empalhadeira. E como incomodava os outros com esse defeito! Atrapalhava o papai, a mamãe, o mano Julio, a mana Luisa e mesmo a tia Sara.

E por ser assim empalhadeira, chegava atrasada para tudo — para o café, almoço, jantar e para o cumprimento de seus deveres.

De manhã a mãe chamava:

— Ada, você está pronta para o café?

Mais tarde subia e encontrava Ada ainda de camisola de dormir.

A's vezes, depois do café, Ada pedia:

— Papai, posso ir no automovel com o senhor, até a estação?

— Pode, respondia o pai, se você ficar pronta já. Tenho que sair daqui a pouco.

Então ele esperava, esperava, esperava. Afinal avisava:

— Eu já vou, Ada. Você esta pronta?

— Ainda não, papai. Desço daqui um minuto.

E o papai acabava por subir e encontrá-la folheando um livro em vez de se estar aprontando. Então ele ia embora e Ada ficava em casa chorando.

Se a mamãe pedia a Luisa para levar Ada à cidade ou ao parque, Luisa dizia:

— Ah, mamãe, não posso! Ela fica naquela empalhação que não se aguenta! A gente precisa quasi arrastá-la e o tempo não dá para nada.

Julio chamava-a "empalhadeira". Apesar de detestar esse apelido, Ada não se emendava. E quanta coisa

boa ela perdia só porque ninguem estava disposto a esperá-la !

Certa manhã, tia Sara viu na cidade uma bola de ar vermelha, grande, e leve como pena. Imediatamente pensou na sobrinha, pois Ada gostava muito daquilo.

"Vou comprar para ela", resolveu tia Sara.

Ora, nessa mesma manhã, a mãe de Ada achou um livro que devia estar em mãos de tia Sara o mais depressa possivel. Embora tia Sara morasse perto, não tinha tempo de ir levá-lo.

"Será que Ada poderia fazer isso ?" pensou a mamãe.

Então ela pôs Ada no colo e explicou-lhe que a tia Sara precisava muito daquele livro.

— Você é capaz de ir entregá-lo, sem parar nenhuma vez pelo caminho ? perguntou a mamãe.

— Sou, mamãe, respondeu Ada com firmeza.

Ada saiu, resolvida a ir direitinho. Mas parou logo adiante para ver um jardineiro plantar uns bulbos ; para ver onde o rapaz do empório ia levar aquela cesta cheia de embrulhos ; para ver quantas vezes um menino podia pegar a bola que atirava contra o muro.

Enfim, chegou à casa de tia Sara no momento em que esta voltava da cidade. Quando entraram, ouviram o telefone tocando. Tia Sara correu para atender e disse :

— Um momento !

Voltando-se para Ada, contou :

— Sua mãe diz que vai de carro para a chácara, buscar ovos e verduras, e quer que você fique aqui até ela voltar.

— Eu quero ir ! Quero ir tambem. Vou já para casa, disse Ada.

Tia Sara tornou a falar pelo telefone e depois disse à menina :

— Sua mãe está dizendo que você é muito vagarosa. Ela não pode esperar.

Ada começou a chorar, pois não havia para ela coisa melhor do que dar um passeio até a chacara. Tia Sara pensou um pouco, depois sorriu como se tivesse uma idéia. Voltando ao telefone, disse :

—Você quer esperar só dez minutos ? E' tempo suficiente para ela chegar aí.

— Espero dez minutos, mas será um milagre se ela chegar em tempo, foi a resposta.

— Você precisa voar, disse tia Sara à pequena Ada.

Foi buscar a bola de ar e continuou:

— Leve isto. Faça de conta que são asas.

— Oh, que beleza ! exclamou Ada.

— Ouça : enquanto você mantiver esta bola no ar, será como se tivesse asas. Mas se deixar cair a bola, quer dizer que perdeu as asas.

Ada foi correndo para casa, com a bola flutuando atrás. Virava-se a cada momento para vê-la no ar. Passou por muitas casas, sem parar. De uma feita viu um gatinho querendo pegar o rabinho. Já ia parar, quando sentiu uma batida leve na cabeça. Era a bola que estava caindo. Então pôs-se a correr de novo e a bola foi para o alto.

Sua mãe ficou admirada ao vê-la chegar correndo até o carro. Ada levou a bola consigo à chacara. E que auxilio prestou ela ! Só assim Ada foi correndo levar a cesta para o camarada recolher os ovos e logo estava de volta, pedindo outro serviço para a mãe.

Quando a mana Luisa ouviu falar naquela bola milagrosa, levou Ada ao parque, onde havia balanços e gangorras.

Toda a tarde Ada andou com aquela bola, que a ajudou até a subir a escada e deitar-se na hora certa.

— Hoje o dia foi tão divertido ! disse Ada à mãe, quando esta lhe veiu dar o beijo de boa-noite.

— Foi porque você tinha asas e assim sobrou tempo para muitas coisas agradaveis, respondeu a mamãe.

Durante dias Ada carregou a bola por toda parte onde ia. Quando corria, ela voava ; mal parava, já sentia aquela batida na cabeça. Quando Ada precisava mesmo parar para estudar ou brincar, amarrava a bola.

E foi assim que Ada descobriu quanto tempo tinha num dia para brincar. Agora não queria mais ficar mangando.

Logo ela nem precisava mais da bola como asas. Por outro lado, o papai, a mamãe, a tia Sara, a mana Luisa e o mano Julio deixaram de chamá-la empalhadeira, porque não havia mais razão para isso.

Tres Amigos

— Vista sáias, Teodoro! Vista sáias, Teodoro! Ele tem medo de cão! cantava em côro um bando de meninos.

O rosto de Teodoro estava em fogo, mas êle não podia negar o fato. Era verdade — tinha medo de Zázá! Envergonhava-se disso mas não havia meios de perder aquele medo.

Zázá era uma "bulldog" que morava na casa atrás da de Teodoro. Tinha a queixada proeminente e os dentes brancos e desalinhados sobre o beiço inferior, que estava sempre derrubado. Quando olhava para Teodoro, êle tinha de tremer. Mas com certeza Teodoro se esquecera de reparar nos olhos de Zázá. Eram cheios de doçura.

Zázá não perdia ocasião de passar por baixo da cerca que separava as duas casas e ir brincar no quintal de Teodoro. Então o pobre menino corria para o jardinzinho da frente e ficava lá até ela se ir embora. A's vezes Zázá olhava para Teodoro e dava uns latidos amigaveis. Mas êle não entendia aquela fala e corria para casa, deixando Zázá intrigada.

— Olá, pessoal! Arranjei um emprego! gritou Breno.

Os meninos voltaram-se, interessados na novidade.

— O serviço é tomar conta da Zázá enquanto os donos estiverem fóra, explicou Breno, ainda ofegante. Vou ganhar cinco mil reis. Tenho de dar para ela agua e comida todas as manhãs e tardes. Aqui está a chave da casa dela. Preciso fechá-la dentro todas as noites e de manhã deixá-la sair. Cinco mil réis só para fazer isso! Já é sorte, não? Eu preciso de dez mil réis para comprar o trenzinho vermelho do "Bazar Chinês".

Breno jogou o gorro ao ar e continuou:

— Quem sabe vou arranjar um jeito de ganhar os outros cinco mil réis.

— E' melhor pedir ao Teodoro que o ajude, disseram os meninos entre gargalhadas, dispersando-se pela rua.

Breno foi falar com Teodoro. Gostava dele. Era uma pena Teodoro ter tanto medo de Zázá! E Breno pensou:

"Se Teodoro me ajudasse, logo perderia esse medo, mesmo porque Zázá é uma criaturinha muito meiga. Mas então eu teria de dividir com êle os meus cinco mil réis".

Breno virou-se para ir embora, mas dados alguns passos tornou a voltar. Hesitou um momento porque não estava gostando de ter de dividir o dinheiro. Contudo logo disse:

— Escute, Teodoro, você quer-me ajudar a tomar conta da Zázá?

Ora, não podia haver no mundo coisa pior para Teodoro fazer do que lidar com Zázá. Mas Teodoro gostava de Breno e tinha vergonha de mostrar o quanto era medroso.

Reuniu toda a sua coragem e respondeu:

— Eu — eu gostaria muito, Breno.

Então naquela tarde, munidos de um osso grande, os dois foram à casa de Zázá. Teodoro respirava nervoso, mas Breno falou carinhosamente com Zázá, deu-lhe tapinhas na cabeça e rolou com ela pelo chão.

— Ponha a agua aqui por perto, sim, Teodoro? pediu Breno, enquanto abria uma marmita cheia de angú e carne.

Teodoro, tremendo, pôs a lata de agua no chão e quasi gritou de terror quando Zázá pulou sobre ele. Ambos rolaram.

— Ela está brincando! o amigo gritava. Está cansada de ficar sòzinha e quer brincar.

Teodoro levantou-se. Interessante — agora já não tinha tanto medo de Zázá como antes.

— Quieta! balbuciou Teodoro, pegando o jantar das mãos de Breno e pondo-o no chão.

Zázá deu um latido de satisfação e olhou para Teodoro antes de começar a comer.

— Até parece que ela quis sorrir, disse Teodoro.

— Isso mesmo, falou Breno, tirando a chave da porta.

Durante uma semana êles cuidaram todos os dias de Zázá. Teodoro acabou fazendo tanta camaradagem com ela que até achava graça ao se lembrar como costumava esconder-se quando Zázá aparecia no quintal.

Os donos de Zázá voltaram e Breno correu para a casa do amigo com os cinco mil réis.

— Metade é para você, Teodoro! êle disse.

Mas então Teodoro mostrou-lhe uma nota igualzinha.

— Ganhei por ter cuidado do jardim, êle explicou. Vamos juntar as duas e comprar o trenzinho no "Bazar-Chinês". E êle ficará sendo de nós dois.

— Isso mesmo! gritou Breno, jogando o boné para o ar.

E os dois dispararam para a loja.

Um Náufrago Estranho

— Eu me derreto ! Socorro !
Se não me acodem eu morro !

Jurací parou, assombrado, sem crer no que ouvia. A voz abafada parecia vir da pia :

— A derreter pôs-me aqui
o menino Jurací !

Mergulhando a mão apressadamente, Jurací tirou um pedaço de sabonete que se derretia.

— Arre, que estou farto da vida ! Ser deixado, sem consideração alguma na agua quente ! Quanta ingratidão ! prorrompeu o sabonete depois que o menino o tinha enxugado com cuidado e colocado na saboneteira.

— Não sabia que sabonete tivesse sentimentos ! disse Jurací.

— Claro que temos, respondeu o sabão. Além disso é um desperdicio deixar sabonete dentro da agua. Olhe para mim. Não sou mais que sombra do que fui.

— Ora, quanto mais usado você fôr, mais fino ficará, caçoou o menino.

— E' verdade. Mas eu não reclamo contra esse modo de emagrecer, porque então estou prestando um bom serviço, livrando o mundo de sujeira. Se ha uma coisa que eu detesto neste mundo é sujeira.

Jurací estalou uma gargalhada. Era bem engraçado ouvir um sabonete falar.

— Que belo seria o mundo, continuou o sabão, irritado, se nós, os inimigos da sujeira, não existissemos ! E pensar que as pessoas nos desperdiçam, nos gastam mais do que precisam, e até nos esquecem dentro de pias cheias de agua ! E' o cúmulo ! Você já experimentou lavar uma frigideira engordurada ?

— Já, no acampamento, Jurací respondeu, fazendo uma careta.

— Nesse caso você sabe que o mundo era uma tristeza antes de aparecer a familia dos dos sabões.

Jurací, interessado, perguntou :

— Você sabe quando é que o sabão foi inventado e como êle é feito ?

— Que dúvida ! respondeu o sabonete em tom de desdém. O sabão era desconhecido até o principio do que os homens chamam "a era cristã". Mas quando a cidade de Pompéia foi destruida por um vulcão, no ano 79, o fabrico do sabão na Italia já se tinha tornado uma industria lucrativa. Nas excavações feitas em Pompeia acharam-se vestigios de uma fabrica de sabão. Imagine só !

— Que coisa ! exclamou Jurací, procurando mostrar-se muito surpreso, se bem que não tivesse idéia da importancia daquela afirmativa. Fale-me mais de você mesmo, êle pediu.

— Todos os sabões, continuou o sabonete com orgulho, são feitos pela acão de alcalis sobre oleos ou gorduras. Gorduras liquidas são compostas dos chamados ácidos graxos e glicerína. Quando um alcali — geralmente soda ou potassa — é misturado com gordura, o resultado é o sabão.

— A vovó mesma fazia o seu sabão, disse Jurací com orgulho.

— E você sabe como é que ela o fazia ? espumou o sabão.

— Não muito bem, respondeu o menino. Sei que ela empregava cebo e cinzas.

— Eta menino esperto ! caçoou o sabão. Para conseguir potassa sua avó deitava agua na cinza, que é muito rica em potassa. Ela guardava toda a gordura da carne até ajuntar uma boa quantidade. Depois fervia isso junto com potassa até ficar tudo bem misturado. Quando esfriava, essa mistura parecia uma geléia ; é o que chamam sabão mole. Para conseguir o sabão duro usava soda e às vezes acrescentava sal. Quando essa massa esfriava, cortava em pedaços.

— Mas hoje em dia como é feito o sabão ? Jurací perguntou depressa.

Ele percebeu que o sabonete estava ficando cansado.

— No fabrico moderno do sabão os principios empregados são os mesmos que os de antigamente. A unica diferença é que tudo é feito por máquinas e em grandes quantidades. Numa unica caldeira fabrica-se sabão bastante para encher dez ou doze vagões de frete. Os ingredientes são cozidos no fogo às vezes uma semana inteira.

— Oh, eu gostaria de ver fabricar sabão ! exclamou Jurací.

— Só assim você teria mais cuidado quando me usasse, resmungou o sabonete, se visse quanto trabalho eu dou até chegar às suas mãos. Naturalmente ha tipos diferentes de sabão. Ha os que contêm oleos vegetais, oleos de côco, de oliva, de palmeira, de linhaça, de amendoim, de milho, de semente de gira-sol e de algodão. Os sabonetes mais transparentes fazem-se deixando a glicerina nêles ou dissolvendo-os em alcool. Injetando-se ar na massa, enquanto ainda quente, obtem-se sabão flutuante. Naturalmente os sabões de lavar roupa são feitos de gordura ou oleo mais barato ; e os de arear fazem-se ajuntando aos ingredientes areia fina ou pedra pomes em pó. Como vê, não somos feitos só de espuma.

Jurací concordou com a cabeça.

— Tem razão, êle disse. Dóravante vou tomar mais cuidado com vocês. O mundo sem sabão seria mesmo um caso sério.

Como ensinar seu cão

A OBEDECER (*continuação*)

Treiná-lo a trazer objetos à palavra "traga" é uma das lições mais fáceis, porque a maioria dos cachorros gostam de correr. Treinadores profissionais usam o método forçado, mas como só o considerei necessário uma vez, permita-se-me explicar o mais simples. Um pedaço de madeira de quinze a vinte centimetros ou o cabo de uma vassoura, servem bem para as primeiras lições. Mais tarde ele irá buscar sua luva ou qualquer outro objeto.

Muitas vezes, se mostrar isto ao cachorro e atirar em frente, ele vai buscá-lo. Nesse caso, diga "traga", acompanhe-o e, quando ele pegar o páu, obrigue-o a largar na sua mão à palavra "dê", elogiando-o como um cachorro inteligente. Se ele se recusa a ir buscar o páu ou a abocá-lo, faça pressão com o polegar e indicador a ambos os lados da boca, até que ele a abra. Então introduza nela o pau, fechando sobre ele os maxilares e ao mesmo tempo dizendo "traga", "traga". Ele provavelmente largará o páu a principio, mas com algumas lições (sempre *curtas*) aprenderá a segurá-lo até ouvir a palavra "dê" Na segunda lição, atire o páu para longe com a palavra "traga". Uma vez que apanhe a idéia, será para ele ao mesmo tempo divertimento e exercicio ir longe em busca do páu.

Isto sugere a lição seguinte, que é achar objetos e trazê-los à palavra "procure". Primeiro faça o cachorro deitar-se e mostre-lhe alguma coisa de que gosta ; depois fique a um canto, fóra de sua vista. Naturalmente ele o seguirá, porque quer o objeto ; então leve-o de volta e faça-o deitar-se repetidas vezes, até que ele perceba que tem de ficar ali

uns momentos. Quando conseguiu mantê-lo deitado, de trás do canto atire o objeto no capim, onde esteja bem à vista, a princípio ; então sáia dalí, mande o cachorro levantar-se e diga "Procure, procure". Se começar com um osso ou pedaço de carne, ele aprenderá a procurar coisas bem depressa. E se, ao renovar a experiencia, êle fôr espiá-lo no canto para ver de onde atirou o pau — ora, quasi todos os cachorros inteligentes fazem isso para lhe prègar uma peça ! E' parte da brincadeira.

Talvez devia ter dito no começo como evitar que o cachorro pule e suje com as patas o seu dono, ou, pior ainda, o vestido de uma senhora. Todos os cachorros fazem isso, por alguma razão desconhecida, e deve pacientemente suportá-lo alguns dias, até que ele o reconheça como seu melhor amigo e tratador. Então, quanto antes quebrar esse habito de patear sobre sua roupa, tanto melhor para ele e os demais. E' a unica lição em que precisa enganá-lo um pouco, Este é o método :

Quando ele pular para pôr as patas no seu peito, segure-as firmemente enquanto lhe diz que ele é o melhor cachorrinho que já teve. Ao mesmo tempo, furtivamente avance o pé e pise os dedos traseiros dele— não demais, mas o suficiente para que sinta a pressão. Quando ele tentar escapar, o que seguramente fará, segure-o um momento mais, apertando-lhe os dedos e dizendo como gosta dele. Repita essa lição na primeira vez que ele tornar a cometer essa falta ; o que, em regra, não sucederá logo. Já tive um cachorro que aprendeu a conservar os pés no chão, que é onde devem estar, com uma só lição ; nunca tive um que precisasse de mais de tres ou quatro lições. Uma vez aprendida, ele geralmente não esquece esta lição, e o divertido (para o dono) é que o cão nunca suspeita que é este quem lhe está pisando os dedos.

Ha outras lições, se deseja que seu cachorro seja um bom campeiro ou que faça artes, mas agora que já sabe o método, o resto será só prazer. Por exemplo, a gente admira sempre que vê um cachorro obedecer a sinais das mãos, e isso, que parece extraordinário, não custa esforço algum. Quando lhe der a ordem "deite", depois de ele ter aprendido a lição, faça ao mesmo tempo um sinal com a mão (eu costumo estender a direita, aberta) ; ou quando ordena que vá para trás, faça um movimento da mão esquerda nesse sentido. Em pouco tempo ele entenderá o sinal tão bem como a palavra falada, ou melhor, penso, porque se assemelha mais à "linguagem silenciosa" que os animais usam entre si.

Alguem certamente perguntará aquí : "Mas pode uma menina ou um menino treinar um cachorro ?" Minha resposta é que uma menina ou um menino póde treinar um cachorro tão bem como os homens, e a um tímido, melhor de que estes. Por estranho que pareça, o cão tem inclinação pelas crianças e parece entendê-las melhor. Eis um exemplo:

No tempo da guerra, meu filho de sete anos sugeriu que eu fizesse Rab saudar a bandeira conosco, quando ela era içada pela manhã. Rab estava então ficando velho e é dificil ensinar artes novas a um cão velho. Ele tinha aprendido as lições domésticas e campestres tão bem que ninguem poderia desejar cão mais educado ; mas isso passava dos limites de sua compreensão. Assim, depois de várias tentativas por cinco ou dez minutos, desisti. Aquela tarde, ao entrar em casa, meu filho chamou o cão no quintal, com o assobio, e engrossando o mais possivel a voz, gritou alguma coisa semelhante ao *hipvolver !* à imitação do que ouvira fazer um sargento instrutor. A'quela ordem que, dada por mim naquela entoação, teria amedrontado o cão, Rab sentou-se e ergueu a pata direita à altura dos olhos.

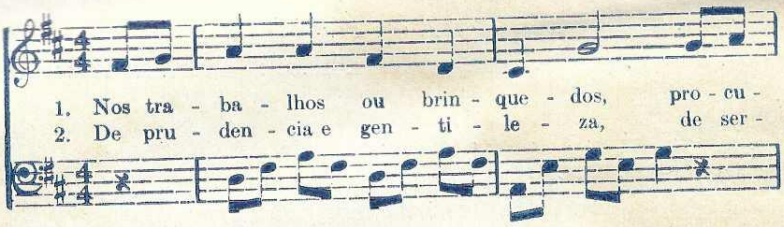
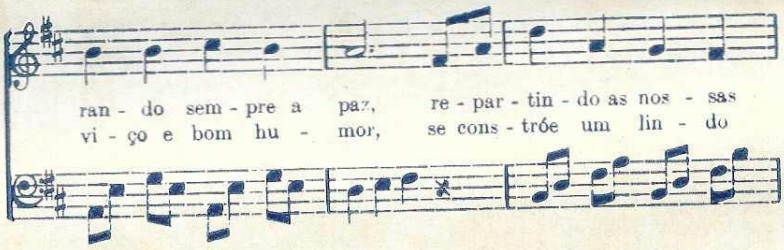
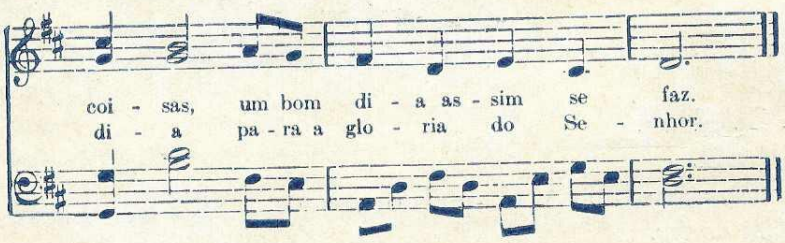
Qualquer pessoa póde treinar um cachorro, se satisfizer às duas condições : primeira, saber mais que o cachorro, e segunda... mas talvez o leitor prefira preencher isto por si mesmo. Depois de todas estas explicações, vai um ultimo aviso : *nunca* treine quando estiver zangado ou impaciente ; não lhe convém e é péssimo para o cão. E não insista na lição um momento, se perceber, como sucederá, que o cachorro está com um pouco de medo ou cansado. FIM

quem é que sabe?...

1) Completar : *Apega-te à instrução, não a largues.....?*
2) Que é o nome poético da Escócia?
3) Dar a capital (1)da India? (2) da Russia? (3) da Australia?
4) Quem foi o primeiro corredor de Maratona?
5) Que é mais velha : Londres, Roma ou Paris?
6) Referindo-se a que país, usou Metternich a frase : "méramente uma expressão geográfica"?
7) Qual é o livro mais comprido da Biblia?
8) Que é mais doce que açúcar?
9) Qual é a linha que segue : *Minha terra tem palmeiras.....?*
10) Em que rio está situada Nanking?
11) Que é "hulha branca"?
12) Qual foi o oceano descoberto por Balboa?
13) Onde fica o açude Assouan?
14) O que se usa como condução : (1) No norte da Africa? (2) Na India? (3) Em Alaska? (4) Peru? (5) China? (6) Japão?
15) Qual é a "cidade do automovel"?

Respostas às perguntas de Julho :

1) *Mas para o faminto todo o amargo é doce.*
2) Não chove.
3) Em Nova Caledonia.
4) Rodrigo, Il Cid.
5) Atenas, fundada em 1500 A. C., mais ou menos.
6) *As mil e uma noites.*
7) Zaqueu.
8) A era de Péricles.
9) A Rainha Victoria.
10) O sacro colegio dos cardiais.
11) Tâmaras, sal e gado, com seus produtos derivados.
12) Argus. Juno colocou os olhos na cauda do seu pavão.
13) Méca.
14) Os gregos.
15) Euclides da Cunha.

um lindo dia

Esther Freivogel